

Doellinger afirma que País vive uma crise "dramática"

Econ. Brasil

O governo do presidente Sarney vive uma situação dramática, de agonia e desespero, segundo o superintendente da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, Carlos von Doellinger. Em entrevista concedida ao Jornal de Brasília, o ex-superintendente do IPEA (Instituto de Planejamento Econômico e Social), do Ministério do Planejamento, acha muito difícil que o governo consiga debelar a inflação. Inconformado com as altas taxas de juros, Doellinger diz que hoje é proibido investir no Brasil, ressaltando ainda, para os nacionalistas mais exacerbados, que ninguém precisa mais temer o capital estrangeiro. "Agora - afirma o economista - é ele que não quer mais nada com o Brasil, e foge daqui em desabalada carreira!"

As altas taxas de juros praticadas no mercado pelo atual governo demonstram, segundo Carlos von Doellinger, que o País vive uma situação de desespero. "O que o governo está fazendo com a política monetária e com as taxas de juros é usar o único instrumento que restou do seu grande fracasso administrativo para, de certa forma, subornar os aplicadores, remunerando a moeda, porque a LFT (Letra Financeira do Tesouro, principal título da dívida pública interna) nada mais é que uma moeda indexada".

Desacertos

No Brasil - afirma Doellinger - poderíamos até dizer que não existe dívida pública. Existe mes-



Doellinger: dias negros

mo é uma moeda indexada, que é a moeda mais cara do mundo, porque rende juro real. O governo paga essas taxas exorbitantes, alimentando uma grande agiotagem às avessas, onde ele é o pagador, de modo a tentar convencer as pessoas a não gastarem aquele dinheiro, temendo que a elevação do consumo de bens e de serviços conduza o País à hiperinflação. Essas taxas de juros são, entretanto, um grande mal, mesmo no desespero de se tentar evitar a catástrofe total. Desgraçadamente e infelizmente, foi a essa situação trágica que nos

conduziram os cinco anos de desacertos do governo Sarney".

Doellinger diz que nunca se viu no Brasil uma conjuntura tão ruim e uma incerteza tão grande, o que ele considera uma situação "quase de pânico". Afirma que, no momento, já começa a ocorrer uma fuga até das aplicações financeiras". E nesse clima — destaca o economista — não há muito o que se esperar do comportamento das bolsas".

"O que queremos agora para o mercado de capitais — afirma o superintendente da Bolsa do Rio — é que o governo pelo menos defina o quanto antes as novas regras para o mercado, já que elas foram exaustivamente debatidas com a CVM (Comissão de Valores Mobiliários)".

Fuga de capital

Autor de uma tese, nos anos 70, que defendia o ingresso de capital estrangeiro no Brasil, Doellinger diz que esse assunto nem vale mais a pena comentar. "Nós tivemos em 1987, 88 e 1989, uma saída líquida de recursos assustadora do Brasil, tudo fruto da instabilidade econômica do País. Na época em que fiz o meu trabalho — relembra — as multinacionais estavam em moda, e estavam procurando o Brasil, intensamente. Hoje, a situação é totalmente diferente, e as multinacionais fogem do Brasil. Nós não precisamos mais temê-las porque, infelizmente, elas agora estão fugindo daqui".